S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 2 de março de 1912 — ANNO XI—NUMERO 128

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

ENTÃO, PORQUE SE ESPERA?

Não pode ser mais infame nem mais vergonhoso o procedimento dos poderes publicos deste Estado com relação ao escandaloso crime de que foi victima a menor Idalina de Oliveira, sacrificada á hedionda lubricidade do padre Faustino, execravel roupilha que tão mal e indevidamente se acha á testa do Orfanato Christovam Colombo, estabelecimento que dizem ter por fim *educar*, *instruir* e *moralizar* a infancia desvalida.

A lei para o caso de que se trata é letra morta, porque os homens de justiça, as senhoras autoridades entendem que acima della está a pessoa intangivel do padre Faustino Consoni, cujas virtudes o tornam immune das incriminações que o codigo prescreve para punição daquelles que attentam contra a vida, a honra e a dignidade de menores desprotegidos da sorte.

A principio não só protegeram o delinquente favorecendo a representação da estupida farça com que procuraram provar que Idalina havia apparecido, como não deram importancia ás denuncias insistentemente feitas por esta folha. Agora, porém, já não ha mysterios. Tudo está desvendado.

O «veredictum» do Jury decidiu as duvidas que podiam haver sobre o caso.

Entretanto, a despeito de tudo, entendem fazer ouvidos de mercador deixando de attender áquelles que pedem a punição do culpado.

E porque?

Não se trata dum crime provado?

Padre Faustino poderá parecer innocente?

Será possivel?!...

Então, onde está Idalina?

E a resposta?...

Não sabem!...

Foi morta e não só morta como victima de um attentado monstruoso por parte de quem devêra protege-la e ampara-la.

Mas, se é assim, se o «veredictum» do Tribunal do Jury veiu esclarecer o facto, se todos os mysterios se desvendarem, se o padre Faustino apparece como unico responsavel pelo delicto, porque não o condemnam, porque não o punem, porque não executam a lei?

Será porque o respeitam pelas suas virtudes?

Será porque a lei é feita para proteger os roupetas indecorosos?

Será que a lei se destina apenas á protecção de criminosos de alta esphera social e perseguição dos liberaes que bradam pedindo justiça?

E' o que estamos vendo actualmente, é o que temos visto e será o que temos de ver emquanto durar a malfadada organização social em que os crapulosos farçantes da dominação tripudiam sobre os direitos da humanidade escarnecendo da virtude e da coragem desassombrada dos que no jornalismo se não vendem pelo interesse de posições ou de dinheiro, dos que se não subornam, não transigem nem abdicam de sua consciencia quando julgam necessario protestar contra a patifaria dos vis, dos hypocritas, dos tartufos que exercem posições de destaque na sociedade ou quando entendem de seu dever pedir justiça em favor de algum innocente ou reclamar a condemnação dos que, como padre Faustino Consoni, commettem delictos que não podem ficar impunes!

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submetter-se a ella, ou não ha e, neste caso, fechem-se os tribunaes e demittam-se os representantes da Justiça.

Uma coisa ou outra!

Sair deste dilemma é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

O PLEITO DE HONTEM

Ridendo Castigat Mores

O nosso papel procurando affastar do pernicioso fanatismo clerical aquelles que irreflectidamente se deixam arrastar para o abysmo do erro, tem sido de real importancia tendo-se em vista o grande numero de adeptos que diariamente abraçam com enthusiasmo e sinceridade o anticlericalismo.

O nosso papel é mais ainda que tudo isso: elle tem sido desempenhado justamente na época em que o negro clero tudo procura para destruir os argumentos nos quaes nos temos amparado para combater a miseria e a baixeza concentrada na seita maldita, motora das mais hediondas scenas desenroladas desde o passado até o presente momento em que, como se tivesse despertado de um profundo somno, a humanidade ou a sua grande maioria, não crê, não encontra mais firmeza nem cabimento, como de facto nunca existiu, nos dogmaticos conceitos, todos absurdos, implantados por longo tempo pelos inimigos do progresso.

O monstruoso crime praticado no Orfanato Christovam Colombo que, ha cinco annos, vem sendo uma das nossas maiores preoccupações, já pelas suas circumstancias caracteristicas que o antecederam e já tambem pelas constantes mystificações levadas a effeito por estes roupetas, attesta fielmente tudo quanto temos dito e continuaremos a dize-lo altivamente, mostrando como são corruptos e como se fazem victimas estes cancros que envenenam e rebaixam o caracter daquelles que ainda inconscientes ou não, se deixam arrastar pelas suas astuciosas maneiras de enganar e conseguirem ter a barriga cheia.

O caso Idalina é uma continuação, um prolongamento da infame influencia clerical sobre o progresso humano que elle deseja e procura conservar estiolado, para, tendo crentes ignorantes, melhor poder explorar.

O caso Idalina, como tantos outros que estão no conceito publico e bem assim os que se encontram com o veu do indesvendavel, devem servir de exemplo para detestarmos cada vez mais os *apostolos de tão criteriosos e humanitarios actos*.

***

Travou-se hontem o grande pleito, com o resultado do qual deverá surgir o candidato victorioso para dirigir os destinos desta terra, infelizmente ainda sob o jugo exaustivo da clericanalha.

Pois bem. Nós temos o nosso candidato e, pelo resultado conhecido, tem elle já uma estupenda votação.

Na luta em que nos empenhamos, nada nos estimula tanto e nos causa mais alegria do que, victoriosos como fomos e o seremos sempre, criticar, satyrizar e, tal qual Aristharcos modernos, irmos castigando os criminosos que, infrentando a bondade e a complacencia popular, vivem a explora-la eterna e malevolamente.

Num lugar como S. Paulo, onde a justiça, mancommunada com o clero, não encontrou no Codigo, na Lei, embora em nada disso cremos, pois só existe para nós, o artigo em que estão incursos os padres do já celebre Orfanato Christovam Colombo; num Estado como este, em que essas duas instituições dão-se as mãos, só mesmo com a satyra, a critica mordaz e cortante que desnuda e arrasta ao escarneo publico, sómente com o riso sarcastico e cruel que surge altivo e lentamente vai humilhando os cynicos criminosos que não o podem enfrentar; numa capital finalmente, como esta, onde todos os recursos encontrados na Justiça falliram, sómente assim poderiamos reduzir a mais simples situação os coripheus de casaca e de batina.

A candidatura do assassino de Idalina tem uma alta significação pois só assim, só suffragando nas urnas o seu nome e onde suffragado será igualmente o do conselheiro carola, mais uma vez rindo — castigamo-los, rindo — ridicularisamo-los a elles, a farça eleitoral e a farça que tem o nome de Justiça.

Estamos, portanto, satisfeitos: este facto representa cathegoricamente mais uma victoria nossa; mais uma vez será arrastada á lama donde não pôde sair, com todo o seu cortejo de adeptos: — clero, justiça, autoridade e tudo que infelicita e traz a dôr e a miseria humana.

E assim, com a critica mordaz havemos de continuar até que respondam: Conjuncto de mazellas — onde está Idalina?

Henrique Martins.



A Santissima Trindade ao serviço do papa

Um desaggravo

MONTEVIDÉO, 21 — Nos templos catholicos celebraram-se, pela manhã, ceremonias de desaggravo á religião, além de outras commemorativas das Cinzas.

(Dos jornaes).

E têm razão os bons catholicos nossos vizinhos de estarem aborrecidos.

O governo uruguayo, transferindo o carnaval para quarta-feira de cinzas e dias seguintes, estabeleceu um precedente que muito veio prejudicar o que até agora tinha andado tão bem: a perfeita harmonia entre as festas pagãs e christãs.

Sabem os musulmanos, chins, indús e mais gentes gentias que a maioria dos povos de Christo, ha quasi duas dezenas de seculos, durante alguns dias, tres ou mais de cada anno, torna-se pagã em homenagem aos costumes do grande povo romano de que foram tributarios desde os tempos de Julio Cesar, pai do republicano inflexivel Marcus Brutus, que com o seu amigo Cassius e outros mais o assassinaram, dizem, para livrar Roma da oppressão de que se queixavam todos os espiritos liberaes da época.

As saturnaes e as bacchanaes dos nossos illustres antepassados latinos eram as festas dedicadas á vida e á alegria.

Dizem mesmo que nesses dias de folgança desappareciam todas as regalias estabelecidas e acceitas, *á força*, talqualmente como hoje, já se vê, e que até os escravos podiam bater nos seus senhores, o que nunca se atreveram fazer, porque, uma vez entrado tudo na *Ordem*, pagariam bem caro o gracejo...

O catholicismo pintou-lhes em seguida o seu carnaval — o da tristeza, o da morte.

Eis porque não admittem os padres que se confundam os dois — o de terça-feira gorda com o de quarta feira de cinzas.

A meu ver têm muita, muitissima razão, como já disse acima.

Não querem que os que sáem dos templos com a cruz de cinza pintada na testa, depois de terem ouvido o terrivel «Memento quia pulveris es» — lembrai-vos que és pó — se misturem com outros mascarados, com os dominós de seda a occultar formas estheticas de corpos femininos a gozarem da liberdade de rir, saltar, lançar os perfumes subtis que embriagam e que abrem as portas do inferno a estes loucos, emquanto que os outros, os de cruz á testa, tristes e contrictos de ainda pertencerem a esta vida, preparam-se para os celestiaes prazeres da eterna existencia.

Cá pela nossa terra, uma morte recente tambem veio mudar, este anno, ou antes, prolongar o carnaval, sem, porém, de leve o governo ter tocado na nossa santa religião. Isto porque temos o tino, a fineza diplomatica que faltam aos semi-barbaros platinos para sairem bem das situações difficeis.

E o melhor, para gaudio geral, é que este anno, em vez de um carnaval teremos outro no sabbado de Alleluia e domingo de Paschoa.

E quando os sinos repicarem, estrugirem os foguetes, estourarem as bombas annunciando o terminar de uma farça lugubre-buffa, uma gargalhada immensa far-se-á ouvir, prenuncio, quem sabe, de grandes acontecimentos que se preparam para a humanidade sequiosa de vida livre e feliz.

Insensivelmente, aqui e acolá, o vetusto e carcomido edificio, abrigo que foi da ignorancia, vai se esboroando e em seu lugar será construido o magnifico, o deslumbrante templo, abrigo da Verdade, obra da Sciencia e da Razão manietadas pelos carnavalescos comi-tragicos de tempos que se vão.

E não haverá mais, por certo, motivo para desaggravos.

Adrecal.

Rio, 26 — 2 — 912.

A IRMÃ CANDIDA

foi condemnada a 18 mezes de prisão

Os nossos leitores ainda estarão lembrados da irmã Candida, a celebre religiosa que, com o pretexto de fazer a caridade, commetteu na França toda a sorte de falcatruas?

Pois essa santa mulher, que era uma figura de destaque e consideradissima no meio clerical, acaba de ser condemnada pelo Tribunal Correccional de Pariz.

E' o que nos diz este telegramma:

PARIS, 22 — O Tribunal Correccional condemnou a dezoito mezes de prisão a «Irmã Candida», autora de uma «escroquerie», commettida recentemente e com a qual ficaram prejudicados varios negociantes de joias.

Grite agora a clericanalha que somos diffamadores vulgares. Entretanto os factos que aqui vamos registado sem solução de continuidade têm mais força que as simples affirmações de innocencia e de santidade.

A irmã Candida errou, foi imprudente em praticar o seu apostolado de caridade na França. No Brasil teria todas as garantias, poderia ser martyr e virgem como o nosso S. Faustino.

Poderia até, quem sabe, ser a seu lado a nossa presidenta...

Dispomos de alguns pacotes de numeros atrasados da *Lanterna* para serem distribuidos gratuitamente.

UM MILAGRE!

Como todos sabem e consta dos divinos archivos, ha um Deus que nos governa e uma legião de segundas pessoas que são na vida os nossos assistentes. Essa legião, esses piedosos assistentes, sabeis bem, são os anjos e os santos. Nossa Senhora tem força como Deus, segundo uns, immensamente mais, segundo outros. Christo não se distingue Eterno em coisa alguma, senão no nome.

Mas tanto os grandes como os pequenos assistentes, obram estranhos prodigios, fazem espantosos milagres. Todos podem; por exemplo, suspender as leis da natureza com a mesma facilidade com que nós movemos um dedo, ou mudar a face do mundo com a mesma semcerimonia e promptidão com que nós aparamos um lapis ou desapertamos um botão. A palavra dificuldade não existe mesmo no divino vocabulario.

Ou não é isto o que sempre affirmaram os padres e a divina lei attesta? E'. Pois bem, ouçam:

Na Pampilhosa da Serra acaba de ser reduzida a um montão de cinzas a rica e antiquissima igreja daquella villa. Affirmam noticias locaes que o incendio foi tão terrivel e de tal modo assustador que não houve maneira de se salvar coisa nenhuma. Apenas um popular, com evidente risco de vida, conseguiu arrebatar o sagrado vaso, quando já o sacrario ardia em chammas!

E assim Deus foi salvo por um labroste que de resto não devia nem podia tocar-lhe. O leigo que toca num objecto de tanta santidade — sabem-no todos — é réu de excommunhão maior!

Ah! esta noticia é tão extraordinaria, que eu ha oito dias que a trazia escondida no fundo da minha pasta, á espera que ella fosse desmentida. Não o foi. E', pois, terrivelmente certa, sacrilegamente verdadeira.

Ardeu a casa de Deus. Deus proprio correu perigo chegando ainda a chamuscar-se A sua propria mãi, aquella que sempre foi immaculada e immaculavel, lá andou aos trambulhões, entre varias materias corruptas, até que se tostou e se abrazou e se fez cinza e se fez pó e se fez nada! Os santos dos altares, os anjos dos sacrarios, tudo foi reduzido á mais infima e desprezivel das coisas: o entulho. E não só os santos: tudo o que dentro havia.

Imagens riquissimas, vasos sagrados, esplendores divinos, calices consagrados, paramentos de finissimo damasco, esmolas, ex-votos, santos oleos, aguas bentas, cruzes, hissopes, turibulos, navetas, custodias, relicarios, mysterios, rituaes, cantochões, evangelhos, missaes, velas, castiçaes, lampadas, crucifixos, retabulos, poleos, incensos, pulpitos, confessionarios, guiões, bandeiras, nada pôde salvar-se!

Ah! mas então os santos não teem o poder do milagre? Não nos curam? Não nos aliviam? Não nos salvam? Se assim é, porque se não salvaram? Porque não previram ao menos o incendio? Deus, que está sempre em toda a parte, faltaria por acaso ali? Não devemos perfilhar tal heresia. Dar-se-ia um descuido do céu? Não temos direito a proferir tal blasfemia. Haveria impotencia da parte das divindades em poderem salvar-se? Tambem é impiedade pensar tal. Quantos casos se conhecem de santos que abandonaram os seus templos e subindo e descendo serras se foram anichar em tocos de castanheiros!

E estes nem sequer do altar saltaram. E contudo bastava-lhes deitarem-se abaixo e rebolarem até á porta.

A Deus bastava-lhe abrir o sacrario e descer. Era tão facil. Para baixo, que santo ha que não ajude? Portanto, não tiveram descupa. Morreram por impotencia. Não mereciam o que ainda se lhes fez. Qualquer de nós, mesmo aleijado, mesmo cego, não se deixaria assim queimar.

Não é isto verdade?

Agora que hei de eu dizer-vos, penitentes sem Deus e sem imagens, para vos consolar? A unica coisa que se deve dizer, isto é — que adoreis apenas o que deve adorar-se — que é o Bem e a Verdade. Santos de pau, imagens de barro, são coisas condemnadas ás contigencias da materia. Eterno, só a Verdade.

Procurai, pois a Verdade. Ella não tem templos nem imagens. E contudo tel-a-eis sempre á vossa vista. Porque só ella é immensa, porque só ella é mãi dos seres.

Thomaz da Fonseca.

Etc... etc...

Ninguem, mais que nós, julga perfeitamente dispensavel a presença de um padre junto de um moribundo na hora solenne do traspasse.

Entretanto, não deixamos de notar o facto de haver o cardeal Arcoverde recusado comparecer, pela madrugada, ao palacio de Itamaraty, onde agonisava o barão do Rio Branco e aonde fora chamado pela baroneza de Werther, sua filha, para lhe assistir nos ultimos momentos.

Sabe-se que foi o sr. Rio Branco que obteve para o sr. Arcoverde o chapeu cardinalicio que, por signal, nos ficou um tanto salgadinho. Mas o sr. Arcoverde, que se dizia amigo intimo do barão, preferiu ficar no calor do seu leito alfombrado de principe da Igreja, a expor-se a contrahir um resfriado, indo de automovel, a deshoras, levar um conforto moral á familia do homem a quem devia todas as honras que obtivera e que então se achava no limiar da morte.

Por isso, o cardeal que teme pela sua carcassa a qual lhe impõe frequentes temporadas em Poços de Caldas, achou mais prudente enviar em seu lugar um monsenhor qualquer — João Pio ou Amorim — para administrar o barão.

E' que toda a gente sabia que sobre o enfermo pesava um prognostico fatal... que a sua vida estava por minutos...

E o cardeal via muito bem que não valia a pena sacrificar-se por um astro já no occaso... da existencia, já prestes a desapparecer para sempre nos horizontes da vida... — I.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

De ordem da directoria, convido todos os srs. associados a comparecer á assembleia geral que se realizará quinta-feira, 7 de março, ás 7 horas da noite, rua General Camara n. 335.

Ordem do dia: Eleição da nova directoria parao anno de 1912.

O 2.° secretario, *C. A. de Lacerda*.

HOSTIAS AMARGAS

Houve no mundo um homem chamado Jesus Christo.
(Critica historica).

Eis o thema da primeira de uma serie de conferencias quaresmaes que está realizando na cathedral do Rio de Janeiro o bispo auxiliar da archidiocese.

Conhecemos perfeitamente o systema dos oradores ecclesiasticos quando abordam tarefas dessa natureza. Elles assumem a pretenção de provar mathematicamente os themas que apresentam e acabam deixando a questão no mesmissimo pé que dantes, sem lhes terem feito progredir de uma linha sequer.

Não faz muito, achavamo-nos em uma cidade do Triangulo Mineiro, na mesma occasião em que todos os dias arengava aos seus habitantes o celeberrimo monsenhor Miguel Martins, que se dizia em trabalhos de missão.

Certa noite, estavamos, por desfastio, na igreja a ouvi-lo esbravejar contra a sociedade moderna, quando de sua bocca ouvimos, com surpreza perfeitamente explicavel, que elle desejava que no dia immediato comparecessem ao seu sermão todos os intellectuaes da terra — engenheiros, medicos, advogados, jornalistas, professores, porque a todos queria apresentar provas mathematicas da existencia de Deus.

Escusado é dizermos que, no outro dia, á hora aprazada, estavamos mesmo em baixo do pulpito, donde o *extraordinario* orador devia cortar o nó gordio de uma questão que, de todos os tempos, tem preoccupado o espirito da humanidade em peso, sem que esta tenha podido encontrar-lhe uma solução satisfactoria.

Qual, porém, não foi a nossa desillusão, quando verificámos que o monsenhor, que promettera dar a demonstração mathematica de que Deus existe, não ia além de Barbe, Soriano e Pelissier, limitando-se a reproduzir os ridiculos e estafados argumentos do relogio que subentende um relojoeiro para seu autor, do consenso unanime dos povos, como se um argumento dessa natureza tivesse valor em sciencia e da temporariedade da materia, como se a verdadeira philosophia não seja a primeira a attestar que a materia é eterna e indestructivel.

Naturalmente os argumentos de que vai servir-se o bispo auxiliar do Rio de Janeiro serão vazados nos mesmos moldes dos do monsenhor Miguel Martins. E ao cabo da sua empreitada, elle terá a convicção de que deixou provadas por a mais b as dez theses com que, aos domingos e quintas-feiras, terá narcotizado o seu auditorio na cathedral metropolitana.

Nós vamos acompanha-lo pari-passu na sua rota e trataremos de examinar se essas theses são verdadeiras e se ellas autorizam os padres a se presumirem senhores e dominadores da humanidade, qual lhes é o intento manifesto.

* * *

Houve no mundo um homem chamado Jesus Christo.

Doctissimi urtant.

E' o caso de se dizer: «Póde ser que sim, e pode ser que não».

Desde o momento em que a Judéa perdeu a sua independencia, tornando se tributaria do Imperio Romano, tornou-se o sonho dourado dos hebreus o apparecimento de um homem que restourasse o reino de David e Salomão, e que levantasse a familia de Israel do estado de decadencia e aviltamento em que se encontrava.

Messias appareciam então a cada momento, todos elles imbuidos da ideia de que eram suscitados por Deus para a salvação dos seus compatriotas e do numero desses seria provavelmente Jesus, que muito se comprometteu pelo facto de haver se revoltado contra a casta dos phariseus, então preponderante, em lugar de procurar se attrahir a sympathia da mesma, do que teria lhe resultado a morte na cruz, que era o genero de supplicio então mais usado.

Causa, porém, admiração que escriptor algum dos chamados profanos, ou contemporaneos ou pouco posterior a Jesus, e entre os contemporaneos devemos salientar Joseph que era tambem israelita e a quem não podiam passar despercebidos os feitos de homem tão excepcional como seria Christo, escriptor nenhum dizemos, a elle se referiu nas obras que nos legaram.

De modo que tudo quanto sabemos sobre Jesus é o que vem referido nos Evangelhos, escriptos em épocas muito diversas e todos elles uns acervos de falsidades e puerilidades e em flagrante contradicção uns com os outros.

Portanto, a critica historica sobre a existencia de Christo só póde abalar a fé daquelles que tem, como verdade assente e indiscutivel, que Jesus existiu.

Mas, emfim, admittamos, como Gustavo Le Bou, pois que uma parte não pequena da humanidade crê que elle existiu, é como se de facto tivesse mesmo existido.

Laissez passer... e vamos ao segundo thema: *Jesus Christo affirma de si proprio que era Deus.*

Ignoto.

SÓROR DORIDA

A mr. Victor Roland.

«A grandeza do martyrio reside na fórma do martyrio». — BURNOT — *India Religiosa.*

Alma de arminho, léve, encarcerada
No claustro roseo de uma carne em flôr...
Carne soberba, rigida, poupada
A' lei da Vida — a grande lei do Amor!

Na cella, aos pés da Cruz, mente exaltada,
Da luz escassa ao mystico livor,
Viveu Sóror-Thereza, a têz cremada,
Na chamma viva do seu proprio ardor...

Um dia, acharam morta, fria, bella,
Crispada a derma em gélido arrepio,
Que conseguiu crestar o lirio exangue,

— Santa Thereza de Jesus! — aquella
Que tantas vezes delirou de cio,
Nas tempestades férvidas do sangue!

Baptista Brazil.

1911 — Bello Horizonte.

Preso por uma perna

O João!... não havia quem o não conhecesse na aldeia em que vivia. Era conhecido pela sua bondade, pelo seu caracter e principalmente pela simplicidade de suas respostas. E as phrases do João eram repetidas, glozadas em todos os tons. Não que fosse imbecil, mas era ingenuo, de uma ingenuidade infantil. Exercia um emprego subalterno, e o exercia com exemplar assiduidade.

Vivia em companhia de um tio que o estimava muito.

Era um esquisitão esse tio. Por motivos que a ninguem relatára cortou as relações com a familia, excepto com a irmã, pobre viuva, mãi de João. Fora morar em casa della, e em pouco tempo a situação da viuva melhorou.

Alguns mezes depois a irmã morreu e na casa a que elle levára o bem-estar e a fortuna, ficaram morando o tio e o sobrinho. Ora, succedeu que o tio pagou um dia seu tributo á morte.

João, muito triste e pezaroso, mandou rezar as missas tradiccionaes de 7° e 30° dia.

* * *

O cura, coitado, era um bom sacerdote, muito zeloso da salvação das almas de seu rebanho.

Perturbava-o em extremo a ideia de que o tio de seu parochiano estivesse a arder nas chammas do purgatorio. «Duas missinhas por alma de um tio que lhe fez tanto bem, e que peccára tanto na vida de solteiro estroina»!

João era um simples, se julgava que bastavam aquellas missas para a alma do tio seguir para o céo. E demais era ingrato o João!.. O tio lhe deixára algumas dezenas de contos de réis. Que melhor applicação poderia elle dar a esse dinheiro que emprega-lo na salvação da alma de seu tio?

Elle, padre, com a responsabilidade que tinha, devia intervir...

Assim monologava o bom pastor. Pensava no meio de intervir, quando um dia encontrou a João: «Meu filho, disse com voz unctuosa, eu hoje, com a permissão de Deus, vi teu tio a arder no fogo do purgario. Elle soffre... Queres deixa-lo soffrer, a elle, que sempre cuidou de ti com tantos extremos? Algumas missas, principalmente missas solennes, que são as que mais agradam ao Senhor, pois nellas se presta maior preito de homenagem ao nosso Deus, bastam para tira-lo de lá».

«Quantas missas, reverendo?», perguntou João.

O padre depois de reflectir replicou: «Umas cinco ou seis».

«Bem, sejam seis, sendo tres solennes».

O padre exultou. Não era mau o João, não era ingrato tampouco. Era ignorante apenas, das cousas da religião. E se retirou ufano com 120$000 no bolso.

* * *

Algum tempo depois torna a encontrar o reverendo a João.

«Meu filho, disse, Nossa Senhora, Deus e Jesus ficaram muito satisfeitos comtigo. Teu tio está quasi fóra do purgatorio. Está, porém, preso ainda por uma perna. Quatro missas, no maximo, e elle entrará triumphante no reino de Deus».

Ouvindo essas palavras João perguntou: «Porque perna está elle preso?»

«Pela direita», respondeu o padre.

«Ah! então não é preciso mais missa, á perna direita era de pau e a essas horas, meu tio, que é muito esperto, desatarrachou a perna, deixou *ella* cair no purgatorio, e seguiu direitinho para o ceu».

E dizendo isto, depois de cumprimentar amavel e sorridente ao sacerdote, João se affastou, deixando o padre estupefacto e boquiaberto ante a inesperada resposta.

Rio, 18 — 2 — 912.

Eduardo Vital.

Como se forma uma nova religião

O prof. B.-H. Chamberlain publicou, sob aquelle titulo, um curioso artigo no jornal racionalista *The Literary Guide*. Passo a resumi-lo.

Os japoneses, como elles proprios reconhecem, são um povo irreligioso. Todos os japoneses instruidos nos dirão abertamente: «Nenhuma religião tenho, nem disso sinto necessidade alguma.» Aos olhos dos japoneses, os europeus parecem singularmente supersticiosos. E no entanto, esse Japão incredulo mostra-nos agora como se formam as religiões, com um escopo particular; sobretudo politico. Até 1888, a burocracia nipponica não marchara á frente do movimento reformador; quer hoje provar á Europa que os japoneses não differem essencialmente das outras nações, mas vê-se forçada a lutar, no paiz, contra as ideias conservadoras, oppostas a qualquer religião dogmatica.

Notara-se a diffusão dos sentimentos democraticos, haviam surgido revolucionarios e até anarchistas. O mundo official teve medo; deu-se contra-vapor. Resolveu-se restaurar um culto esquecido, o xintoísmo, afim de prender todo o Japão ao soberano, que descende em linha recta da deusa do Sol. Proclamou-se que o micado é um deus vivo. O povo, affeiçoado ao buddhismo (que, na realidade, é uma admiravel philosophia do altruismo), teve de crer no novo culto. Proclamou-se que as leis e as instituições são puros dons outorgados por Sua Majestade, jamais direitos populares.

O govêrno, os ministros, os funccionarios não são servidores do povo, mas representantes, executantes da vontade sobrenatural. Aos padres xintoístas concedeu-se o privilegio dos enterros, coisa gravissima num país tão preso aos antepassados; obtiveram tambem o monopolio dos casamentos, num paiz onde as uniões tinham sido sempre um simples contracto civil. Graças a esses dois direitos, penetravam os padres nos lares. Quizeram ter tambem uma philosophia moral, que copiaram de Confuccio, Lao-Tsen, etc., nobres pensadores chineses.

As victorias dos japoneses sobre os chineses, russos e coreanos deram um impulso enorme á popularidade do imperialismo e do xintoísmo.

Todos os triumphos militares foram attribuidos á mysteriosa influencia da virtude do micado e seus antepassados, divindades xintoístas. Após cada victoria, mandaram-se estafetas solennes á deusa, ao seu templo de Isis. Todos os canhões tomados aos russos e aos chineses foram depostos nos templos para realçar a gloria nacional confundindo-a com o imperialismo e o xintoísmo. Onde quer que seja possivel, impõe-se a nova doutrina por meio de novas festas estabelecidas.

São as escolas sobretudo o grande centro desta nova propaganda (o mesmo vemos em França e na Suissa).

A historia é exclusivamente baseada num estreito nacionalismo, procurando-se principalmente diminuir nella o contraste entre a velha e a nova ordem de coisas.

A mythologia xintoísta, que chocaria os japoneses, é posta de parte, mas ensinam-se como verdades as lendas mais abracadabrantes, por exemplo, a fundação da monarchia 660 annos antes da era christã. E' certo que, não ha muito, se ensinava entre nós a existencia de Meroveu, do rei Brutus, do rei Lear e até de Guilherme Tell, igualmente apocryphos.

Os sabios provaram entretanto que nenhuma data certa ha antes do seculo V da nossa era! Mas ai do professor japonês que ousasse afastar-se dos caminhos da orthodoxia! O Commentario sobre a Constituição japonesa, pelo principe Ito, contêm uma serie de inauditos absurdos. Ali se referem os discursos dos antigos imperadores (um tanto á maneira dos discursos em Tito Livio), mas desgraçadamente não passam de «centões chineses» de plagios impudentes.

Toda a moral tirada aos chineses é tambem attribuida aos avós imperiaes! Esta moral consiste sobretudo numa illimitada dedicação ao throno. Pretende-se que nunca o Japão foi manchado por desobediencias e rebelliões, tão numerosas nos paises estrangeiros, nisso inferiores aos nobres japoneses.

A verdade é muito outra. Poucas nações ha que tenham tratado mais rudemente os seus soberanos desde o começo da historia authentica. Os imperadores foram desthronados, assassinados; durante seculos, não houve enthronização que não originasse tumultos e intrigas sangrentas. Varios imperadores foram desterrados e alguns destes assassinados no exilio. Um delles pôde escapar, sob uma pilha de peixes seccos, da ilha para onde fora deportado.

Desde o seculo XIV, esteve o poder nas mãos de mordomos palatinos, que substituiam por um soberano infantil outro que era forçado a abdicar logo que se aproximava da maioridade. A's vezes, os mordomos palacianos deixavam os imperadores em tal miseria que, para ganhar a vida, vendiam os seus autographos. As autoridades japonesas dizem em seus livros que os japoneses sempre se distinguiram por uma cavallaria (Buxido) superior á de todas as nações. Ora esta palavra era desconhecida ha uns doze annos, não se achando, antes de 1900, em nenhum diccionario japonês ou estrangeiro.

Eis como em poucos annos se desenvolveu uma religião de imperialismo e de patriotismo.

O prof. Chamberlain parece não reprovar esse patriotismo estreito, esse nacionalismo tão ridiculo como o de Deroulède, Leão Daudet e infelizmente — *quantum mutatus ab illo* — de Rochefort.

Quanto a mim, não posso deixar de lamentar vivamente que um povo, tão bom e pacífico em quanto não existia por assim dizer religião, se tenha feito vaidoso, azêdo, brigão, em summa, insupportavel. O internacionalismo, ahi é que está o progresso. Todos por cada um, e não tudo para mim!

G. Brocher.

A "LANTERNA" NO CEARA'

VEM Á SCENA O CELEBRE PADRE CICERO — MISERIAS E MAIS MISERIAS! — UMA POPULAÇÃO QUE MORRE Á FOME! — A PESTE DIZIMA!!!

Não posso me calar, leitor amigo, diante das cartas que ultimamente tenho recebido do Ceará, meu Estado natal, narrando a continuação das tristes occurrencias, que ha longos annos tem sido theatro a villa de Joazeiro, a tão falada terra santa.

Prosegue o padre Cicero na sua faina infernal de estarrecer o progresso de um povo que vive estupidamente rojado aos seus pés!

Quem, por acaso, viajar pelo sertão cearense e tiver a suprema desdita de chegar ao Joazeiro, ficará horrorizado diante os costumes implantados pelo «santissimo» padre Cicero, typo que pelos seus crimes, pelos seus desalmados commettimentos, pelo seu caracter enlodecido, merece a execração de todo Brasil.

Para se aquilatar bem o estado a que esse sevandija de batina tem arrastado a população da villa de Joazeiro, aqui transcrevemos uma noticia cortada do jornal *O Cetama*, de Barbalha, insuspeito, no Ceará:

«Joazeiro — O estado actual desta localidade é triste, desolador e lamentavel. A variola tem feito estragos terriveis, já ceifando para mais de mil vidas; a policia não dorme em fiscalizar á serem sepultados os corpos, aos quaes acompanham até a baixa das almas actual cemiterio epidemia; a fome persegue os pobres doentes, os quaes isolados em suas casas não podem procurar o pão, O estado presente é desesperador.

A associação do S. Coração de Jesus em sessão do 1.º do corrente, votando unanimemente no projecto apresentado pelo presidente interino (o secretario effectivo) da sessão, na qual foram designados os zeladores Guilherme Ramos de Maria e Fausto Guimarães para irem em commissão ao director padre Cicero, afim deste expedir ordens a ser sacado um conto de réis para soccorro dos pobres, sendo 500$000 de cada caixa, como fora votado no projecto (guia da commissão) para soccorro dos pobres. Aguardamos o resultado pelas ordens do director o qual, caridoso como sempre, em tal emergencia resplandecerá mais sua caridade. — *(Do correspondente).*»

Conforme o leitor acaba de ver, o correspondente do *Cetama* é de Joazeiro, e como tal, só podia modificar o alarde. Pelo modo de terminar a referida correspondencia, esse individuo venha a ser, talvez, um dos taes apostolos (homem vestido com uma negra batina, trazendo atado á cinta um grosso cordão branco, capacete preto na cabeça e um colossal cajado invariavelmente na mão) que não trabalham e vivem pelas immundas ruas, de dia e de noite, mandando, por ordem superior do padre Cicero que seja feita tal e tal penitencia (determina o sacrificio que primeiro lhe venha á sua boçal imaginação).

E é obedecido, mesmo porque, caso succeda o contrario, elle benze o cajado tres vezes e o desobediente mette-se em uma pancadaria de, como se diz na gyria, crear bicho.

Mais de mil vidas, affirma o homem de Joazeiro, já tombaram victimadas pela variola!

Em parte, a mortandade tem sido occasionada pela variola e a variola trazida pela sugeira da população que não emprega a sua actividade noutra cousa que não seja viver socada nas igrejas, batendo nos peitos, pedindo misericordia.

A outra parte tem sido dizimada pela fome no meio das infectas ruas e das estradas!...

E tudo isto devido a que? Ao sr. padre Cicero Romão Baptista, mandão real, que não tem o minimo amor ao povo que elle soube miseravelmente cobrir com o negro manto da desgraça.

Elle estando bem, nada lhe faltando, como não lhe falta, a tempo e hora, está tudo direito. Morra quem não pode mais viver e viva quem milagrosamente conseguir escapar!

Mas, «seu reverendo» padre Cicero, «em que mundo, em que estrella está escondida a sua consciencia»? Talvez, se inferno existisse com todos os requisitos que a sua religião nos préga, muito embora que inutilmente, lá na mais profunda furna deste inferno.

Então pretendes acabar com este povo de quem roubastes a collossal fortuna que hoje, qual um Nero, gozas grandemente?

Enganas-te, ainda temos justiça e, mais dias menos dias, serás chamado a responsabilidade,

Continue a matar á fome os teus proprios irmãos, continue!

A. Gomes de Mattos.

A candidatura do padre Faustino

Bem diziamos: a nossa victoria foi em toda a linha, apesar da fraude vergonhosa e das violencias inqualificaveis de que lançaram mão, para vencer, os coripheus do carolissimo candidato conselheiro.

De todos os lados do Interior chegam-nos os écos da grande batalha travada nas urnas entre as forças do futuro presidente da Igreja Paulista e o exercito faustinista.

Que nos importa que suba amanhã as escadarias do palacio a seraphica figura do conselheiro, quando resta-nos a satisfação de poder affirmar ter saído das urnas puro e candido o nome immaculado do chefe moral de toda essa luzida pleiade de grandes homens, de politicos cujo profundo sentimento patrioticos avalia-se pelo numero de visitas ao Thesouro.

Embora, numa desoladora demonstração de ausencia de honestidade eleitoral, cantem victoria os inimigos da moralidade politica, nós não nos cançaremos de dizer bem alto que o candidato eleito foi o padre Faustino.

Para derrotar o candidato do dr. Pinheiro e Sul-Americano Piedade foi preciso que este Estado presenciasse as fraudes as mais indecorosas.

Entretanto a victoria moral coube a S. Faustino, que foi estrondosamente consagrado como chefe de toda a illustre e clericalissima governança paulista.

No Interior

Admiravel, estupendo o resultado da nossa propaganda em favor da candidatura do purissimo padre Faustino Consoni.

De todo o Interior chegam-nos noticias da grande actividade desenvolvida em favor do mais legitimo representante das autoridades do Estado.

As cedulas foram impressas aos milhares e os boletins por toda a parte eram vistos, attestando o alto civismo faustinista que ora se impõe a todas as nobres vontades.

Em Limeira circulou um boletim chamando aos seus postos os que desejam honrar as altas personalidades da situação governista.

Em Baurú então o enthusiasmo chegou ao auge. Desenvolveu-se uma actividade tal que faz babar de inveja todos os candidatos desta e de outras éras.

Vejam só os nossos leitores como vibra neste boletim toda a alma dos faustinistas de Baurú:

Boletim

Convidam-se os anticlericaes e livres pensadores desta cidade para concorrerem á eleição a realizar-se do dia 1.º de março, em a qual devem suffragar o nome despudorado do

PADRE FAUSTINO CONSONI

director do Orfanato Christovam Colombo, de S. Paulo, porque, ao lançar a sua candidatura a esse elevado cargo, prometteu-nos responder á fatidica pergunta:

Onde está Idalina?

A's urnas, pois, prezados correligionarios, que a victoria não sendo certa, não deixará, entretanto, de ficar lavrado o nosso solenne protesto contra aquelles que pactuam contra as infamias dos celebres Consonis.

Baurú, 25 de fevereiro de 1912. — *Os Kadosch.*

— *O Tempo*, daquella cidade, referindo-se a esse manifesto, assim se exprime:

«Como meio para um protesto solenne contra os poderes competentes que não quizeram punir os algozes da desgraçada Idalina, não é mal.»

Enthusiasticas adhesões

Esforço inutil, baldado intento seria o nosso de tentar descrever aqui o grande, o inegualavel enthusiasmo que despertou a candidatura do nosso puro e virgem S. Faustino para presidente da clericanalha empoleirada na governança do Estado.

Nem que pudessemos occupar todas as columnas do nosso jornal por algumas semanas não nos seria possivel registar todas as calorosas declarações de adhesões por nós recebidas.

Já em dois numeros inserimos algumas dellas e hoje fazemos outro tanto.

Paciencia. Contentemo-nos apenas com as seguintes:

«Apresento a minha franca adhesão á candidatura da ratazana Faustino para presidente do Estado.

Guaratinguetá. — *Sette Latour.*»

* * *

«Aprovando a vossa lembrança, ahi vai o meu voto para que o padre Faustino Consoni, consumidor de Idalina, seja presidente do Estado.

Mattão. — *Joaquim Franco.*»

* * *

E' com inegualavel enthusiasmo que envio-lhe a minha cedula do nosso digno candidato á presidencia de S. Paulo.

Abaixo os vampiros de Roma e os papa-hostias de cima.

Bello Horizontes. — *Alberto Mario.*»

* * *

«As mesmas seis almas já entregues ás caldeiras de Belzebú, do grupo editor da *Razão*, que subscrevem a declaração de solidariedade comvosco, deseja que seja um acontecimento de grande importancia historica a candidatura á presidencia do Estado do sagrado, casto, caridoso e santo padre Faustino Consoni.

Sim, porque elle poderia até succeder quasi todos os governos do paiz, que têm *cumprido á risca* a lei de separação da Igreja do Estado.

Amen, Jesus, Maria, José, Republica e Vaticano.

Rio, 24 — 2 — 912.»

* * *

«Grande, pyramidal a ideia de eleger para presidente do Estado clerical o celebre Faustino, digno comparsa dessa jesuitada de casaca devidamente educada no collegio de Itú.

Capital. — *José Blumer.*»

Festas de propaganda

NO DIA 16

O Circulo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer organizou uma festa para o dia 16 do corrente, que se realizará no salão da Societá Leale Oberdan, á rua Brigadeiro Machado, 5, no Braz.

Serão representadas a comedia em 3 actos, de Ettore Dominici, *La Legge del Cuore* e a farsa em 2 actos *Os 2 conquistadores*. Um companheiro fará uma conferencia sobre o thema *La donna e l'avvenire*, terminando a festa com um baile familiar.

EM ABRIL

Promovida pelo Circulo de Estudos Sociaes Conquista do Porvir, será realizada no dia 13 de abril, no Salão Germania, uma outra velada de propaganda em prol da escola mantida pelo mesmo Circulo.

O seu programma constará de conferencias em portuguez e italiano, kermesse, baile e da representação, pelo Grupo Filodramatico Libertario, do drama em 4 actos de G. Giacometti *Morte Civile*.

Canhenho do Sacy

— Então, Sacy, que te parecem os costumes religiosos da capital?

— Parecem-me como elles o são na essencia.

— Não comprehendo.

— Vais comprehender-me. Digo que são elles aqui praticados da forma que lhes é mais adequada: pompas, luxos, apparatos, e, no fundo, nada de sincero, nada de economico, muito de lucrativo para os illustres reverendos...

— Ah! entendo...

— Queres dizer que o culto religioso, em seu bôjo, traz o rotulo da humildade, da sinceridade, e que, dentro, estão a hypocrisia, a luxuria, representados pelos seus ministros, os srs. padres, não é assim?

— Perfeitamente.

— E tens razão, Sacy.

— Ora se a tenho. Para que servem as igrejas, os santos de barros, os confessionarios, os conventos, repletos de Faustinos, Parlattes, Sansones, Spechitos e que taes?

As igrejas aqui são frequentadas pela nata, por senadores, deputados, desembargadores, etc., sempre que se offerecem opportunidades de exequias em attenção a um morto illustre, a algum chefão politico, cujos frequentadores ali vão para que não fiquem em falta para com a familia do morto ou para com o partido a que elle pertencia, mas nunca para dedicar-lhe uma oração, que afinal veria a valer a mesma cousa.

Até o presidente do Estado faz-se representar officialmente, a exemplo do marechal presidente, o festejado maçon, elevado ao gr∴ 33∴ sómente pelo facto de ter sido intitulado candidato do «bode preto», ao qual não se ligou, para fazer jus a uma benção papal, que lhe tem infelicitado o governo e hade dar-lhe com os burros nagua!...

— Mas não te parece que haja alguem que vá com sinceridade á igreja, ao confessionario?

—Ninguem, absolutamente ninguem. Até as velhas, essas a quem devemos muito respeito, ali vão para terem um pretexto de mostrar que ainda podem andar, que ainda podem mostrar um vestido novo, um custume dos mais modernos, ou então vão para fazer gosto á netinha que por sua vez deseja ver o namorado!

Na confissão ellas portam-se com a mesma hypocrisia do sacerdote, porque já lhe conhecem as manhas, já ali ouviram, quando jovens, palavras que lhes faziam nervosas, coradas, e quiçá voluptuosas. Mas que hoje ellas ouvem com frieza, com repugnancia até, somente por dever de officio, pelo prazer de ter ao vivo uma reminiscencia do passado!...

As missas são como sempre pretextos para a exibição de *toilettes*, para palestras, criticas aos vestidos mal feitos ou fora da moda, quando não servem para desvios de honras, negocios, etc.

Finalmente o collegio que aqui se intitula do Sagrado Coração de Maria, não passa de um balcao vulgar, onde as irmãs professoras impõem, por bom preço, desde o ensino de rezar até a mais insignificante peça do vestuario das alumnas. Tudo exploram. Livros, bentinhos, berloques, figas bentas, leite da virgem, medida do menino Jesus, etc.; e até a pombinha do Espirito Santo é ali explorada com certa vantagem!..

Não te lembras do caso de uma moça que viu lá, alta noite, um vulto negro que lhe pareceu um padre, e que afinal foi pelas irmãs classificado de visão diabolica, ou do Espirito Santo que teria vindo velar pelo innocente somno das educandas, mas que era em carne e ossos um forte e potente reverendo que, ás escondidas, entroduzia-se cotidianamente nas camaras das santissimas freiras?

--- Sim, ouvi falar nisto.

— Ouviste falar, e ligaste attenção ao caso como se elle fosse o mais natural possivel!

E tiveste razão, porque não só é natural que um padre, alta noite, vá allojar-se nos aposentos de uma freira, como é naturalissimo que elle vá deshonrar a uma dessas infelizes jovens que lhes são entregues para educar.

Tudo é natural, porque em toda parte abundam os Faustinos, e bom é quando elles, certos da impunidade, não se fazem de martyres, sendo assassinos!

Não é atôa que elles engordam e fazem se ministros de Christo...

Sacy.

B. Horizonte, janeiro, 912.

O "BREVIARIO"

Na semana entrante será finalmente distribuido o livro do nosso companheiro Raymundo Reis. A typographia que termina actualmente a sua confecção não o poude entregar no praso determinado, como já explicámos, e eis o motivo porque o *Breviario* tem demorado. Está proximo, porém, o dia em que será satisfeita a curiosidade daquelles que o aguardam anciosos.

O *Breviario* terá 168 paginas, 127 poesias, sendo 74 sonetos, e será dividido em 7 partes: «Matinas», «Via sacra», «Peccados mortaes», «In memoriam», «Vigilias», «Litanias» e «Horas alegres». Será exposto á venda pelo preço de 3$ o exemplar, livre de porte. Os pedidos podem ser dirigidos a Raymundo Reis, caixa postal 195.

—

Mais as seguintes pessoas tomaram assignaturas do *Breviario*. (Lista a cargo do sr. Americo Moreira, de Taboleiro Grande, Minas): Frederico Nunes, Onofre Teixeira, João J. de Figueiredo, Clandionor José de Figueiredo, Manuel Candido Pinto, Cornelio Francisco de Figueiredo, Lamindo Francisco de Figueiredo, Benjamim França de Figueiredo, João França de Figueiredo, João Pedro Moreira, José Francisco de Figueiredo, Alexandre da Fonseca, Francisco de Senna Barros, Antonio Ferreira, Antonio Ferreira Filho, Virgilio Marques, José Moreira de Figueiredo, Vital dos Reis, Antonio Moreira, Adonias de Assis Guimarães, Antonio Gonzaga de Carvalho, Virgilio Reis, d. Maria Theodora de Oliveira, senhorita Glyceria Horta e Americo Moreira.

EM BELLO HORISONTE

Um grande escandalo clerical?

Respondam os nossos amigos da capital mineira

Chegou ao nosso conhecimento a noticia de mais um gravissimo escandalo clerical, que, segundo a carta que recebemos, teve por theatro a bella capital do Estado de Minas.

Trata-se de um desses crimes de que são réos os homens que p'r'ahi andam vestidos de batina e dizendo-se sacerdotes de uma religião, crimes dos quaes a nossa collecção é um inexgotavel repositorio.

O que ha de verdade na denuncia do nosso anonymo informante? Teremos realmente de registar mais uma infamia dos padres ou trata-se de uma armadilha na qual nos querem fazer cair com o intuito de desacreditar a nossa folha?

Os nossos amigos de Bello Horizonte é que nos devem informar.

A carta fala que o citado facto já se tornou bastante publico; não será, portanto, difficil conhecer os seus detalhes.

Nós assumiremos todas as responsabilidades, mas informem-nos devidamente e assignem as suas cartas para sabermos com quem tratamos. Não divulgaremos o nome de ninguem.

Desde que nos mettemos nesta luta estamos dispostos a soffrer-lhe as consequencias, baseando, porém, os nossos ataques em factos de veracidade irrecusavel.

Falem agora os nossos amigos de Bello Horizonte.

Conquistador... tonsurado

Não vale a pena saber como se chama elle. E' sacerdote e tem fama de boa pessoa e devoto de Venus e de Baccho. Está em Torres Vedras, ha bons quatro annos exercendo as suas profissões. E' realmente bonita a filha de um individuo ali conhecidissimo pelas suas ideias ultra-religiosas, e cuja casa o reverendo frequentava assiduamente... *ad majorem Dei gloriam* Ora, na quinta-feira passada, por volta das 23 horas e meia, uma pessoa de familia da pequena, ao regressar a casa, ouvindo qualquer ruido num quarto e suppondo ter gatunos em casa, gritou por soccorro. Correndo a uma janella, viu fugir dois vultos em trajos bastante *singelos*, jamais no inverno. Conhecendo quem eram, percebeu de que se tratava e pôz de parte a ideia dos gatunos. Pombinha e pombinho passaram o resto da noite e o dia seguinte em casa deste. Agora ha um dilema a solucionar: o padre não póde casar religiosamente, porque lho não consente a santa igreja. Se casar civilmente, fica excommungado. Se não escolher nenhum destes caminhos, póde ter dares e tomares com a justiça ou com a familia da rapariga. E' caso para dizer que o pobre Adonis sagrado se encontra, se não em calças pardas, em batina da mesma côr... Se Deus seu senhor lhe não acode...

(Do *Mundo*, de Lisboa).

A "Lanterna" em Matto-Grosso

Liga Mattogrossense de Livres-Pensadores

Na noite de 30 de dezembro findo, em Cuyabá, Matto-Grosso, na residencia do sr. Ovidio de Paula Corrêa, com a presença de grande numero de socios, teve lugar a eleição para a nova directoria desta utilissima sociedade para servir durante o corrente anno.

Foram eleitos os socios seguintes: Ovidio de Paula Corrêa e Octavio Pitaluga, para Presidente e Vice-Presidente; Possydonio Pereira Cuyabano para thesoureiro; Leowigildo Martins de Mello e Philogenio Corrêa para 1.° e 2.° secretarios, João Cunha, Antonio Fernandes de Souza para commissão de contas.

Logo em seguida, reconhecidos os eleitos, foram os mesmo empossados dos seus cargos.

Nessa mesma reunião foram apresentadas nove propostas para admissão de nove socios para a Liga, que foram unanimente approvadas.

Aos bons correligionarios de Cuyabá enviamos os nossos calorosos applausos pela maneira galharda com que estão sustentando a propaganda do livre-pensamento, dando mostras de um grande espirito de persistencia na luta em favor da nossa causa.

"A Reacção"

Esta excellente revista que, como orgam da Liga Mattogrossense de Livres-Pensadores, vem sendo publicada ha mais de dois annos em Cuyabá, acaba de passar por consideraveis reformas.

Com o seu numero de 15 de janeiro, essa brilhante collega começou a publicar-se duas vezes por mez em vez de uma como até aqui e a ser impressa nas officinas da Liga, recentemente installadas á travessa dos Voluntarios da Patria, 8, onde tambem ficará a séde da Liga de Livre-Pensadores.

A cerimonia da installação teve lugar no dia 1.° de janeiro, ás 9 horas da manhã, com a presença de representantes da imprensa local, de diversos outros convidados e muitos socios da Liga.

Aberta a sessão, o sr. João Cunha fallou sobre o fim dessa reunião agradecendo aos socios os auxilios que prestaram com verdadeira dedicação para a realização da grandiosa ideia que ha muito nutriam de possuir a Liga uma officina propria, onde com mais facilidade dariam publicidade ás ideias pelas quaes com ardor desde tempos vem combatendo.

Falleram em seguida os srs. socios Leowigildo Mello e Gustavo Kulhmann, que foram bastante applaudidos.

Finda a sessão, foi servido aos presentes um calice de vinho.

Aos dedicados associados da Liga Mattogrossense de Livres-Pensadores patenteamos aqui as nossas enthusiasticas felicitações por mais este consideravel melhoramento conquistado pelo valoroso baluarte do livre-pensamento.

Vida operaria

NA FRANCA

Um amigo desta cidade communica-nos ter-se realizado ali um movimento geral da classe dos trabalhadores da construcção civil, com o fim de conquistar a jornada de 8 horas de trabalho.

A greve foi declarada no dia 11 do corrente e durou somente até 14, pois os patrões resolveram acceder logo á justa reclamação dos operarios.

A esses trabalhadores enviamos as nossas enthusiasticas felicitações por essa victoria, almejando que saibam aproveitar tambem para o estudo dos problemas inherentes á sua classe os momentos de folga a mais agora conseguidos.

EM S. PAULO

Reunião de alfaiates — Amanhã, domingo, ás 2 horas da tarde, realizar-se-á, na rua S. Domingos, 25, uma reunião da classe dos alfaiates, para tratar dos seus interesses.

A commissão promotora desta assembleia chama a attenção de todos os alfaiates desta capital para a sua importancia, convidando-os a não deixarem de a ella comparecer.

Trabalhadores em calçado — A classe dos sapateiros das fabricas e particulares reune-se novamente amanhã, domingo, ás 8 horas da manhã, no Salão Celso Garcia, sito á rua do Carmo, 39, para a tratar da seguinte ordem do dia: Apresentação e discussão dos estatutos compilados pela commissão para esse fim nomeana na assembleia realizada no dia 18 do mez fim; eleição da Commissão Executiva, e outros assumptos.

A esta reunião podem e devem comparecer todos operarios que trabalham em fabricas de calçados e os sapateiros em geral.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

E ncontra-se á venda na Mensageira Central. á rua Bragança.

Um bom premio da "Lanterna"

Tambem a LANTERNA *vai distribuir um bom premio aos seus assignantes.*

A começar desta data e até abril proximo vindouro, todos os assignantes que nos mandarem pagar, directamente á nossa redacção ou por meio de vale postal ou carta registada, a importancia de uma assignatura annual do nosso jornal, receberão um premio pela volta do Correio. Este premio poderá ser escolhido dentre as seguintes collecções de livros e folhetos:

"Breviario" livro de versos lyricos de Raymundo Reis, a sair neste mez .	2$000
—	
"Jesus Christo nunca existiu", de Emilio Bossi (Milesbo)	800
"Evangelho da Hora", de Paulo Bertheloth . .	200
la "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho	200
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . . .	200
"Noções de Sociologia", de José Lopes Montenegro	100
	1$500
—	
"Electra", drama em 5 actos, de B. Perés Galdos,	1$000
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . . .	200
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho	200
"Noções de Sociologia", de José Lopez Montenegro	100
	1$500
—	
"Angelo Longaretti", o il delito sociale (romanzo di una Donna), cuja importancia distina-se á Escola Moderna	1$500

Como os nossos assignantes vêem, os premios que offerecemos attingem á importancia de 1$500 e alguns a mais, que, com o porte e o registo do Correio, chega a 2$000.

FOLHETIM DA LANTERNA

(39) JOSÉ RIZAL

Noli me tangere

(O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1886

(**Especialmente traduzido para** *A Lanterna*)

XXXI

OS ESPONSAES DE MARIA CLARA

para suas casas, havendo passado alguns dias nos edificios do Estado. O governador geral ordenara que fossem postos em liberdade, com grande desgostos do maneta e de outros homens da ordem, que queriam celebrar as festas proximas á custa dos presos, os quaes para tornar menos triste a sua situação se desprendiam das suas joias, enchendo-os de presentes.

O capitão Tinong regressou a casa doente, e tão mudado que permanecia silencioso longas horas, sem que as prevenções e afagos da familia pudessem restituir-lhe a alegria e a tranquillidade. O pobre homem nem sequer se atrevia a sair de casa, para não correr o perigo de cumprimentar um flibusteiro.

Historias semelhantes á do capitão Tinong conhecia-as perfeitamente o capitão Tiago. O homem trasbordava de gratidão, sem saber ao certo a quem devia tão notaveis favores. A tia Isabel attribuía o milagre á Virgem de Antípolo. O capitão Tiago não negava o milagre, mas accrescentava:

— Acredito, Isabel, mas não o terá feito só a Virgem de Antípolo; os meus amigos tambem hão de ter ajudado, principalmente o meu futuro genro, o sr. Linares, que tem uma grande influencia.

E o bom ex-"gobernadorcillo" não podia abster-se de bemdizer a sua sorte, considerando-se o homem mais feliz do mundo, sempre que ouvia falar do processo a que se achavam submettidos os rebeldes e os suspeitos. Cochichava-se que Ibarra seria enforcado; que, embora faltassem muitas provas para o condemnar, ultimamente apparecera uma que confirmava a accusação; os peritos tinham declarado que, com effeito, as obras da escola podiam passar por uma fortificação, um pouco defeituosa embora, como era de esperar dos indios ignorantes.

Assim com o capitão Tiago e sua prima divergiam de opinião, tambem os amigos da familia a dividiam em dois partidos: um milagreiro e outro governamental. Os milagreiros estavam subdivididos: o sacristão-mór de Binondo, a vendedora de velas e o chefe de uma confraria viam a mão de Deus, movida pela Senhora do Rosario; o chinês cerieiro, seu fornecedor, quando ia a Antípolo, dizia, pelo contrario, abanando-se:

— No siya ósti gongong; Miligen li Antípulo esi. Esi puéli más con tolo; no siya ósti gongong. (1)

O capitão Tiago, homem prudente e medroso, não sabia por quem decidir-se.

Nestas dúvidas se encontrava quando chegou o partido governista, composto de D. Victorina, o sr. Tiburcio e Linares.

D. Victorina, aquella mestiça que conhecemos num dos primeiros capitulos e que para seguir a moda europeia se pintava como um palhaço, mencionou as visitas de Linares ao capitão-general e insinuou repetidas vezes a conveniencia de contrahir parentesco com uma pessoa de categoria.

A esposa do dr. Españada estava perfeitamente ensaiada por frei Dámaso.

— Vimos precisamente falar com o senhor deste assumpto, e piscou os olhos maliciosamente, indicando Maria Clara, temos que falar de negocios, capitão Tiago!

A joven comprehendeu que devia retirar-se e despediu-se o mais affectuosamente possivel da velha intromettida e seus companheiros. Já que não pudera ser mulher do desgraçado Ibarra, pela sorte de quem vertêra ella lagrimas amarissimas, nunca daria a mão a qualquer outro homem! Podiam talar e fazer todos os projectos que quizessem! Não estava disposta a deixar que brincassem com os seus sentimentos e o seu coração!...

O que naquella conferencia se disse é tão baixo e mesquinha que preferimos não o referir. Basta dizer que quando se despediram estavam todos alegres.

Apenas ficou só, o capitão Tiago disse á tia Isabel:

— Tens que avisar o hotel, pois amanhã damos uma festa. Vai preparando a Maria Clara, pois dentro em pouco a casaremos.

A tia Isabel olhou para elle espantada.

— Verás! Quando o sr. Linares for nosso genro, hão de morrer todos de inveja.

E eis a razão por que, ás oito da noite do dia seguinte, estava de novo cheia a casa do capitão Tiago, com a differença de serem agora os seus convidados unicamente hespanhoes e chinêses.

Lá estavam a maior parte dos nossos conhecidos: frei Sibyla e frei Salvi, entre varios franciscanos e dominicanos; o velho tenente da guarda civil Guevara, mais serio e triste do que quando o conhecemos; o alferes, que foi promovido a tenente com graduação de commandante e conta pela millesima vez a sua façanha de San Diego; o dr. Espadaña e sua cara metade D. Victorina. Linares não chegara ainda, pois devia, como personagem importante, apresentar se um pouco mais tarde que os outros convidados.

No grupo das mulheres era Maria Clara o objecto da murmuração: a joven cumprimentara-as e recebera as cerimoniosamente sem perder o seu ar de tristeza.

— Psh! não é feia — dizia uma; mas o joven Linares podia ter escolhido outra que não tivesse a côr tão carregada e com menos cara de tola.

— O dinheiro, filha, o dinheiro; estes excellentes moços não tratam senão de caçar dotes! No peccado levam a penitencia! Olha que apresentar na sociedade essa *chonga* como esposa! Decerto, logo que se casam, deixam-nas a um canto e vão á pandega com outras, gastar os cobres.

Noutro lugar dizia-se:

— Ora veja! Casar-se quando o primeiro noivo está para ser enforcado!

— Estas indias não teem coração!...

A moça comprehendia que se tratava della e mantinha um porte ao mesmo tempo triste e desdenhoso. Bem sabia o que eram as mulheres dos funccionarios hespanhoes. Chegavam mortas de fome, quasi sem camisa, e em breve as viam cobertas de joias que ellas diziam herdadas dos antepassados. O que os maridos não lhes compravam, obtinham-no ellas assaltando os estabelecimentos chineses e vendendo-lhes protecção. Quando iam ás reuniões e festas dos filippinos, tinham estes que abrir cem olhos, pois desappareciam como por encanto os talhares de prata. Outras, mais francas, quando viam alguma coisa do seu gôsto, lançavam-lhe tranquillamente a mão diante do dono, que se via forçado a sorrir e a mostrar-se generoso. Havia esposa de governador civil ou militar que cubiçava todos os cavallos que via e vendia-os depois por bom preço... Maria Clara sabia estas coisas porque as vira em sua propria casa, e por isso sentia menosprêzo e desdêm por aquellas orgulhosas mulheres, que ostentavam por todas as partes as suas carnes brancas e fingiam escandalizar-se ao ver os pés nus e limpos das indias... Sentiu tentações de se retirar, allegando uma dôr de cabeça, mas por fim decidiu ficar na reunião, para se inteirar do que se projectava quanto á sua boda e para saber noticias de Ibarra.

Na roda dos homens a conversação era em voz alta e, naturalmente, versava sobre os ultimos successos. Todos talavam, menos frei Sibyla, que guardava um silencio desdenhoso.

Ouvi dizer que V. Rev. deixa a aldeia, frei Salvi? — perguntou o novo tenente, que a sua inesperada sorte tornára mais amavel.

— Já nada tenho que fazer ali; vou fixar residencia definitiva em Manila... e o senhor?

— Deixo tambem a localidade — respondeu elle estirando-se; — o Governo precisa de mim para, com uma columna volante, desinfestar as provincias de flibusteiros e salteadores.

Frei Sibyla olhou-o rapidamente dos pés á cabeça e voltou-lhe as costas com desprêzo.

— Já se sabe ao certo qual será a sorte do cabecilla Ibarra? — perguntou um funccionario.

— O mais provavel e justo é que seja enforcado como os de 72.

— Vai ser desterrado! — disse seccamente o velho Guevara.

— Desterrado! Só desterrado? Mas será um destêrro perpétuo! - exclamaram varios ao mesmo tempo.

— Se esse moço — proseguiu o tenente Guevara em voz alta e severa — tivesse sido mais precavido, se tivesse confiado menos em certas pessoas, outra teria sido a sua sorte...

Esta declaração do velho tenente e o tom da sua voz produziram uma grande surpresa no auditorio, que não soube que replicar. Frei Salvi volveu a cabeça, talvez para não afrontar o olhar sombrio que lhe dirigia o ancião.

Durante o banquete, no qual o capitão Tiago se mostrou tão esplendido como sempre, o joven Linares, que já representava o papel de futuro genro, não cessou de acabrunhar com attenções a pobre Maria Clara.

As hespanholas empanturravam-se como endemoninhados e entabolavam colloquios intimos com os roliços frades.

Os cachaçudos maridos faziam entretanto vista grossa e procuravam consolar-se das pequenas infidelidades das suas costelas, esvaziando garrafas de champagne e botijas de genebra.

O capitão Tiago estava radiante de contentamento, e tudo lhe parecia pouco para obsequiar os seus convidados.

XXXII

O CABECILHA

A cidade dormia; só se envia de tempos a tempos o ruido de uma carruagem atravessando a ponte de madeira sobre o rio, cujas tranquillas aguas reflectiam a luz da lua.

Maria Clara levantou os olhos ao céu, de uma limpidez de safira. Tinha assomado ao terraço que dava para o rio, por não poder conciliar o somno. Trazia a negra e formosissima cabelleira estendida sobre os hombros como esplendido manto de seda que lhe chegava até aos pés. Vestia ainda o luxuoso traje que ostentara na festa. Vista ao luar, parecia uma rainha morena e doce de um país exotico, com rios azues e bosques de esqueiros e palmeiras. Ao andar, o seu rico vestido de seda de cores brilhantes e de longa cauda roçagava, e á pallida luz da lua despediam mil fulgores as pedras preciosas da sua travessa no cabello. As larguissimas mangas de renda da valiosa canuseta, ao mover a moça os braços, produziam o effeito de asas transparentes, e as cadeiazinhas de ouro que lhe adornavam o delicado busto tiniam de um modo harmonioso e suave. As suas chinelas de setim azul, bordadas a ouro, escamas e perolas, mais que para pisar o chão, pareciam feitas para servir de escrinio a custosas joias. Maria Clara estava verdadeiramente encantadora. A sua tristeza mesma tornava-lhe o aspecto mais interessante. A sua tez fina e avelludada, os seus olhos grandes e ardentes respiravam voluptuosidade e amor. Comprehendia-se, ao vê-la, a preferencia que muitos hespanhoes, como o padre Salvi, tinham pelas mulheres filippinas. As caricias que ao homem amado Maria Clara prodigalizasse deviam ser mais apaixonadas que as das outras mulheres. Devia haver mais calor nos seus beijos e mais doçura nas suas palavras. Os seus braços deviam ser como cadeias amorosas das quaes difficilmente poderia um homem desprender-se. A sua carne virgem devia ser como que uma pilha electrica, causando profundos choques e intensíssimas sensações de prazer...

Maria Clara estava triste, profundamente triste e desconsolada. Não podia esquecer o seu primeiro

(Continúa).

(1) Não seja tolo; é a Virgem de Antípolo. Essa pode mais do que todos. Não seja tolo.

EM PORTUGAL

O castigo dos bispos

Damos em seguida o decreto que pune o patriarca de Lisboa, o deão do Porto e o bispo da Guarda, por ser interessante pela doutrina que o justifica e como documento historico e ainda pelo que se tem dito aqui sobre a questão. Este decreto, com o seu relatorio, foi mandado afixar nas dioceses dos prelados punidos:

Excellencia. — O decreto com força de lei de 20 de abril de 1911 representa uma das maiores garantias que a revolução de 5 de outubro trouxe ao povo portuguez, quasi sempre escravizado, até então, ao livre capricho do clero, apesar das antigas prerogativas do poder dos reis, algumas vezes, é certo, feitas respeitar por fórma bem violenta, que a Republica ainda nem sequer pensou em reeditar. A lei da separação não foi um acto *ad odium*; foi o consequente producto, aliás bem meditado, de uma necessidade social que cimentara a acção revolucionaria. Quem affirmar o contrario desconhece as causas da revolução, e ou não leu a lei ou procede de má fé. Assim é, de facto, sabidas que sejam as suas disposições que giram todas em volta do mais completo respeito pela plena liberdade de consciencia. A má fé predomina, sem duvida, nos ataques que se tem dirigido á lei da separação; mas certo é tambem que reclamações existem neste ministerio de certos padres que se queixam de ludibrio, uns porque, dizem, não leram a lei e se fiaram em informações cuja falsidade depois verificaram; outros porque tendo-a apenas ouvido ler, lho fizeram por fórma capciosa, notando sómente certas disposições, aparentemente desfavoraveis, sem as combinarem com outras, beneficas, que dellas necessariamente resultam.

Que interesses moraes ou materiaes uma tal lei podia ter em vista? Os do clero? O clero ficou garantido em sua subsistencia pelo regime de pensões, que teve em vista a situação percuniaria dos ministros da religião catholica anterior á lei da separação (artigo 113.º e seguintes). Nada o Estado ao clero exigiu. Sómente quanto aos fieis é dever do clero não abandonar o seu ministerio para que a pensão subsista, visto que a prática de infracções póde dar lugar á perda dos beneficios materiaes do Estado. Ao clero o Estado garantiu ainda a cedencia gratuita, para habitação e ensino theologico, dos paços episcopaes, dos presbiterios e dos seminarios (artigo 98.º).

Devia essa lei ter em vista os interesses morais e materiais dos fieis? Esses teem a mais absoluta liberdade não só de praticar o culto, que não depende da autorização alguma prévia, nem da participação a que se refere a lei de 26 de julho de 1693 (artigo 45.º), punindo-se mesmo os que o perturbam (artigo 11.º e seguintes), mais ainda de contribuir para elle, simultaneamente que pelas corporações encarregadas do culto prestam tambem um beneficio á sociedade, coadjuvando a obra de assistencia e beneficencia com a certeza de que os seus donativos encontram a mais efficaz garantia de fiscalização (artigo 16.º e seguintes). Os interesses morais e materiais do Estado, os da sociedade em geral? Obtiveram elles igual defesa, emancipados como ficam da acção politica da Igreja, exercida no pulpito, no confessionario e na vida social, por processos que os principios fundamentais da Igreja repelem, os Estados modernos não podem permitir, e a sociedade condemna como perigosa ao seu progressivo desenvolvimento. A lei, ao mesmo tempo que assim procedeu, libertou os cidadãos, o povo, da inexplicavel e oppressora obrigatoriedade de soccorrer os párocos com prestações em dinheiro ou generos (oblatas ou obradas, primicias, sobejos de cera e demais beneses), que até aqui, com prejuizo da liberdade individual, eram exigidos até aos livres-pensadores por acção coercitiva, e que hoje não mais poderão ser impostos. Estado e Igreja têm definidas as suas esferas de acção em materia religiosa. A consciencia civil e religiosa não foram atacadas ou sequer melindradas. O cidadão livre-pensador não mais será contrariado pela obediencia a uma religião que não professa, guardando todavia o respeito que deve ao crente. O crente catholico praticará a sua crença, socorrerá o seu culto, sem atacar o livre-pensamento ou qualquer outra confissão religiosa que tem igual razão de existencia. Mas não convém isso á Igreja, dirá o espirito de reacção. O Estado, porém, não tem que olhar a conveniencias especiais particulares e menos quando são illegitimas; tem que defender os interesses gerais legitimos.

Se a Igreja não pode manter-se pelo exclusivo predominio da sua acção espiritual, e essa é-lhe garantida, não é isso da responsabilidade do Estado. Se a Igreja constitue uma *societas perfecta*, no dizer dos seus escriptores e no dos seus papas, é com o separatismo, hoje lei para cêrca de 100 milhões de individuos, que melhor pode demonstrá-lo. Alimentar um estado de coisas religioso com sacrificio da liberdade individual é fazer regime de teocracia, não de democracia.

Isto vem a proposito para demonstrar, embora rapidamente, que o procedimento dos prelados contra o decreto com força de lei de 20 de abril de 1911, que a Constituição expressamente reconheceu, assume um caracter de acintosa e perversa má vontade, simplesmente e propositadamente perturbadora da ordem publica, cujos processos não tardam a tocar as raias dos delictos contra as instituições. Nos casos que obrigam a apresentação do decreto que segue, o patriarca de Lisboa, Antonio Mendes Bello, e o arcebispo-bispo da Guarda, Manuel Vieira de Matos, procederam por modo tão condemnavel que se não encontra nos seus actos nada mais que o desrespeito por si proprios e pelas instituições que o povo portuguez quer e as nações reconheceram, o prejuizo dos seus párocos, cuja miseria para os prelados é indifferente, porque a não sentem, nem são obrigados a minorá-la, a offensa dos fieis da Igreja, cujo exercicio cultual é difficultado por mero capricho. Pretendem elles evitar a organização das corporações encarregadas do culto, como pretenderam antes evitar que os párocos acceitassem as pensões, como desejavam préviamente que a lei da separação não fosse promulgada, e tendo-o sido, a desacataram por forma impropria de pessoa de respeitabilidade e de paz, dessa paz que a toda a hora apregoam, para á sombra desse pregão desorganizarem, tumultuarem, perturbarem a ordem publica. E, todavia, a lei da separação estabelecendo a organização das corporações encarregadas do culto, foi ao encontro dos chamados corpos regulares da Igreja, acceitou-os determinando que por intermedio delles — misericordias, irmandades, confrarias, hospitais, hospicios, albergues, asilos, creches ou recolhimentos (que os tratadistas consideram casas religiosas (1) — os membros ou fieis de uma religião pudessem contribuir para as despesas gerais do culto.

Quer dizer, o decreto com força de lei, citado, não extinguiu, antes aproveitou e defendeu essas cousas religiosas, ao contrario do que fez o legislador francez que suprimiu os estabelecimentos publicos do culto então existentes em França (artigo 1.º da lei de 9 de dezembro de 1905), até que os bens delles fossem atribuidos ás associações para o exercicio do culto, cuja constituição tornou obrigatoria (artigo 18.º). Mais: o decreto portuguez sobre a separação até obrigou (art. 5.º) o Estado e os corpos administrativos a cumprirem os encargos cultuais de origem particular — missas, anniversarios, confissões, responsos, procissões e semelhantes — que oneram os bens não reclamados ou não reclamaveis obrigação que só deixará de existir se até 31 de dezembro de 1912 se não constituir a respectiva corporação cultual.

E' isto uma lei intolerante, uma lei sectaria, ou antes é uma lei generosa e purificadora? Significa isto que os prelados referidos, como os que os seguem, fazem guerra á propria Igreja e aos seus fieis, e atacam uma medida liberal que nem a propria França adoptou. Provocam o tumulto e o desrespeito pelas leis da Republica com o nefasto e condemnavel fim de obrigarem os párocos a abandonar as igrejas para que possa imputar-se ao Estado a responsabilidade desse procedimento, que será só delles, o que é contrario aos desejos do Estado visto que pretende garantir o pleno exercicio do culto. Não é tentando reduzir os párocos á miseria, e elles e os fieis a uma situação que incompatibiliza com os seus deveres de cidadãos portuguezes, não é perturbando-lhes a consciencia religiosa por fórma a pô-la em cheque com o seu indeclinavel civismo, não é estabelecendo a desordem, fundamentando a intriga, enganando os fieis, lançando-os e ao clero num estado de que os prelados nunca poderão salvá-lo, que estes se impõem e dignificam. Quem assim procede não fica apenas destituido de autoridade moral, cai no desprezo dos proprios para quem falou.

Excellencia. — O patriarca de Lisboa, Antonio Mendes Bello, e o arcebispo-bispo da Guarda, Manuel Vieira de Matos, praticaram o crime previsto e punido no § unico do artigo 379.º do Codigo Penal, ameaçando os párocos e fieis para que deixassem de praticar um acto que a lei não prohibe, antes defende e protege, qual é o da organização das corporações encarregadas do culto. Recairam na pena de desobediencia não cumprindo o disposto no artigo 20.º da lei de separação que assim infringiram. Praticaram o crime previsto e punido no artigo 137.º do Codigo Penal pela infracção do artigo 181.º da lei de separação, fazendo correr sem *beneplacito* as circulares determinando aos seus párocos e fieis da Igreja que não organizassem, não concorressem, nem directamente nem indirectamente, para a organização das corporações encarregadas do culto. Nem a exigencia do *beneplacito* é contraria ao preceito do artigo 3.º n.º 13.º da Constituição como não era antes do novo regime contrario ao identico preceito da carta constitucional. O *beneplacito* é expressamente exigido no citado artigo 181.º não apenas para as bulas e pastorais, mas para *todas as determinações da curia romana e dos prelados ou de outras entidades que tenham funcções dirigentes em qualquer religião.* Para as proprias pastorais não contém esse artigo materia nova, mas *antiquissima*, como o affirma no já citado livro o professor de teologia dr. Paiva Pita, corroborando a sua affirmação com as seguintes citações: Aviso de 24 de junho de 1750 (*Indice Cronologico*, parte IV, pag. 273); alvará de 30 de julho de 1795, § 13; Borges Carneiro, *Direito civil*, liv. I, tit. VI, § 61, n.º 12 *(b)* e 13; sr. dr. Chaves e Castro, *O Beneplacito régio em Portugal*, pag. 108 e sgs.; sr. dr. Laranjo, *Principios e Instituições de Direito Administrativo*, fasciculo 3.º, pag. 178; J. A. Perdigão, *Apontamentos de Direito, Legislação e Jurisprudencia Administrativa e Fiscal* verbo *Beneplacito;* portaria de 20 de maio de 1871, ao bispo do Algarve, patriarca eleito de Lisboa; *Jornal do Commercio* de 12 e 23 do dito mez e anno, nº. 5:264 e 5:273; *Diario das Côrtes*, sessão de 27 e 29 do mesmo mez; *País*, de 28 e 29 de julho de 1873, n.º 167 e 168; portarias de 25 e 28 de outubro de 1884, 28 de dezembro de 1887 e 27 de dezembro de 1889.

A essas citações poder-se-ão acrescentar as seguintes: portaria de 1863, dirigida ao bispo de Braga, primaz das Hespanhas; *Gazeta da Relação de Lisboa*, anno 24.º, n.º 73 e 81, pag. pag. 577 e 641, março e abril de 1911. E facilmente se comprehende a exigencia do *beneplacito* para pastorais como para outras determinações, tenham ou não aquelle nome, para evitar que nellas se reproduzam os decretos dos concilios, letras apostolicas ou constituições ecclesiasticas, porventura atentatorias da soberania nacional. Atacaram, finalmente, os referidos prelados uma lei da Republica contrariando a execução de mais de um dos seus preceitos, e incorreram, portanto, na sanção do artigo 48.º da referida lei da separação. Quanto ao governador do bispado do Porto, deão Manuel Luiz Coelho da Silva, as mesmas disposições são aplicaveis.

Nestes termos tenho a honra de propôr que lhes seja aplicada a pena disciplinar de interdição de residencia nos termos do artigo 146.º e 147.º da lei da separação.

DECRETO

Sob proposta do ministro da justiça e nos termos dos artigos 146.º e 147.º do decreto com força de lei de 20 de abril de 1911 e mais legislação indicada no relatorio deste decreto, hei por bem decretar:

Artigo 1.º Ficam prohibidos o patriarca de Lisboa, Antonio Mendes Bello, o arcebispo-bispo da Guarda, Manuel Vieira de Matos, e o governador do bispado do Porto deão Manuel Luiz Coelho da Silva, de residirem durante dois annos dentro dos limites dos districtos, respectivamente, de Lisboa, Castello Branco e Porto além de perderem os beneficios materiais do Estado a que porventura tivessem direito, e sem prejuizo do que, relativamente ao segundo, se acha preceituado no decreto de 24 de novembro ultimo.

Artigo 2.º E'-lhes concedido o prazo de cinco dias, a contar da publicação deste decreto no «Diario do Governo», para sahirem dos referidos districtos.

O presidente da Republica, Manuel de Arriaga. — O ministro da justiça, Antonio Macieira Junior.

1. Dr. Bernardino Carneiro, *Elementos de Direito Ecclesiastico Portuguez*, 5.ª ediç., artigo 261.º, revista pelo professor de teologia dr. Paiva Pita.

Pequenos écos

Visita — Esteve a passeio em S. Paulo e distinguiu-nos com a sua visita, o nosso antigo companheiro de lutas Rafael Serrato Munhoz, ha bastante tempo residente no Rio.

Agradecidos.

Offerta — O nosso dedicado companheiro V. C., offereceu-nos mais uma boa porção de folhetos da bella collecção que está sendo editada pelo magnifico periodico libertario *Les Temps Nouveaux*, de que é director o conhecido e apreciado escriptor Jean Grave.

Ao bom amigo os nossos agradecimentos.

Um drama — Participa-nos o nosso amigo Santos Barbosa, residente no Rio, que vai escrever um drama intitulado *A Bastilha da Infancia*.

Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residencia, nos communiquem a primitiva residencia.

Pelas publicações

Lumen — Está augmentando constantemente o grupo de collaboradores desta revista, cujo objecto é definido pelas palavras — a Vida e o Ideal. E esse facto se por um lado mostra a realização de um dos seus propositos — incitar a estudar e a produzir aquelles que entre nós se interessam por questões filosoficas e sociaes, por outro lado concorre para a larga acceitação que vai tendo do publico, A. Adolfo Lima, Bernardo Sá, Cezar Porto, Emilio Costa, Joaquim Madureira, Jorge Coutinho e Severino de Carvalho juntára-se, no numero de dezembro, Rodrigo Parreira, discreteando sobre a crise industrial, e junta-se agora Pinto Quartim, que com largueza nos fala de anarchismo no Japão.

O resto das 32 paginas deste numero de janeiro contém o seguinte: — *A Barca do Inferno*, por B. B; *A Escola-officina*, por B. A.; *A Catástrofe do Porto*, por H; *Le marchand de bonheur*, por A. L.; *A tentativa filosofica de Spencer*, por P. Kropotkine; *Na aula de Pedro Penodo*, (Santa Madre Lei), por Braz-Burity; *Vocabolario social*, por Bel-Adam; *Os livros e revistas; Tabella de salarios dos trabalhadores ruraes; Pela instrucção*, etc. A redacção e administração é na rua dos Remolares, 35, 2.º — LISBOA.

Bilhetes e recados

Lorena — J. A. Camargo: E assim, enganjando hoje um bom combatente, amanhã outro, iremos formando o nosso exercito, que em breve se tornará invencivel. E então... Saudações.

Juiz de Fora — P. Kaehler: Foi feita a mudança do endereço recommendada.

Cataguazes — Fenelon Barbosa: Recebemos os 15$, que foram creditados em sua conta. Fizemos a reducção indicada. Saudações.

Guaratinguetá — Seth Latour: Acceitamos com satisfação. Desejariamos que amigos de outras localidades fizessem o mesmo. Despertariamos assim ainda mais o interesse pelo jornal. Saudações.

Itauna — F. Penna: Muito lhe agradecemos as bondosas saudações que nos dirigiu. O livro ha tempo pedido não se encontra aqui. Remettemos os exemplares do *Catecismo atheu* que ainda aqui havia. Ficam 3$ ao seu dispor. Saudações.

Petropolis — H. Andrade: Remettemos o n. pedido para o endereço indicado.

E. Brodowsky — Quirino Tomasck: Já começamos a remetter o jornal para as duas pessoas indicadas. Corrigiremos o engano. Recebemos os 10$ de sua assignatura. Saudações.

Barretos — T. M. da Silva: Fizemos a transferencia do endereço. Não ha na livraria italiana de que lhe falamos os livros pedidos. Saudações.

Peçanha — G. Vieira: Satisfizemos o seu pedido. Registamos todos os endereços indicados. Desde já lhe ficamos muito gratos pelo que em favor do jornal fizer. Saudações.

Padua — J. da S. Freire: Já aqui accusamos o recebimento da importancia de sua assignatura. Remettemos o recibo. Saudações.

Peçanha — P. Renan: O jornal já lhe está sendo enviado. Saudações.

Lagôa Sêcca — J. R. de Almeida: Remettemos um pacote. Sobre o seu offerecimento responderemos por carta. Queira, entretanto, receber os nossos agradecimentos pelo interesse tomado pelo jornal. Saudações.

Rio — Ulysses: Aqui esteve o companheiro que trouxe a tua carta. Seguiu no mesmo dia para Santos. Saúde!

Dois Corregos — N. Perez: A importancia de sua assignatura poderá nos remetter pelo correio. Saudações.

Bebedouro — P. Canevasse: Fará o favor de procurar o registado no correio. Parece-nos ter ido com o nome de Pedro Caramesse. Saudações.

Caxias — Benjamim: Recebi o teu postal. Alegro-me em saber-te tambem um dos nossos. Bem vontade tenho eu de dar um giro por essas bandas. E quem sabe... Saudações de todos.

Pau d'Alho — J. Azevedo: Sim, está sendo remettido por nós. Poderá nos enviar pelo correio. Seguiu mais um pacote para a propaganda no R. G. do Norte. Muito lhe agradeceremos a remessa da lista. E' preciso espalhar o jornal ahi por essa zona. Saudações.

Bello Horizonte — J. T. Lima: Bravo! Mais um alistado. Caminhamos, não ha que duvidar. Remettemos-lhe um pacote para a propaganda. Saudações.

Santos — L. Garrido: Conversei com o G. Rodrigues a respeito da cobrança. Vocês ahi combinarão melhor entre os tres. Tambem escrevi para o Rio pedindo as listas. Mandarei a ordem e a tua encommenda. Saúde!

Lisboa — Neno: Transmitti todos os recados. Sim, são do 9.º mez. Da traducção já foram 3 remessas. O homem disse ao Carlos já te ter escripto. O que poderemos fazer no caso? Seguiu o *No Café*. Saudações a todos e de todos.

Villa Olympia — J. H. dos Santos: Infelizmente acabaram-se logo. Leu as instrucções do n. passado, não? Saudações.

Rincão — F. Ramalho: Recebemos os 10$ da assignatura do sr. J. Lucchesi. Saudações.

Rio Claro — C. S.: Fizemos a transferencia do seu endereço. Saudações.

Buenos Aires — Manuel: Já te respondi para o endereço indicado concordando com o que me dizias. Escreva-nos. Saudações aos amigos.

S. Vicente — J. Cardoso: A razão que nos apresenta é bastante justificavel. Mandará, pois, logo que possa. Saudações.

Rio — S. Barbosa: Seguiu o pacote. Sobre o resto responderei por carta. Saudações aos amigos.

Sabará — J. de S. Cruz: Nos remetterá logo que possa. Seguiu um pacote para a propaganda. Saudações.

Belém — A. C. Carvalho: Recebemos a importancia das assignaturas dos srs. J. A. S. da Costa e S. P. F. Junior e os 13$ para os pacotes do numero especial e a medalha. Seguiram os talões e as listas com as indicações. Mandaremos os estatutos pedidos. O companheiro P. Frigerio responderá sobre os folhetos. O citado jornal não se publíca mais. O *Catecismo atheu* já se esgotou. Mandaremos vir mais. Recebemos o pacote da *Folha*. Realmente, para a fundação de uma sociedade desse caracter sempre encontra difficuldades; entretanto é indispensavel a sua existencia. Agradecidos pela dedicação com que destingue a *Lanterna*. Saudações dos amigos daqui.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Café Criterium, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1.º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matera — V. Izabel.

Rua Mariz e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado. está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da

Confederação Geral do Trabalho

10, BOULEVARD MAGENTA, PARIS — X

Ano	31 francos
6 mezes.	18.50
3 mezes.	9,25

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.

"Francisco Ferrer"

Já temos á venda os ns. 15 e 17 desta bella revista de propaganda do ensino racionalista, publicada em Buenos Aires.

O n. 15 traz os discursos pronunciados por occasião da inauguração do monumento a Ferrer em Bruxellas e o n. 17 é dedicado ao celebre naturalista Darwin.

Custa 300 réis o exemplar.

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Salão de barbeiro — Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Siérra, rua Conselheiro Ramalho, 166.

Agencia de jornaes do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37

Agencia de jornaes, rua S. Caetano, 230.

Salão de engraxate, rua 15 de Novembro, 4.

Salão de engraxate, largo da Sé, 5-A.

Engraxate, Largo da Sé, 4.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . .	$200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . .	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . .	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . .	2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi,	$800
Religião e Evolução, E. Haeckel .	1$500
Sociologia Fundamental, Benteo .	5$000
Dôr Universal, Faure	1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu*	$200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal*	$100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo*	$100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Almacco Libertario illustrado 1909	$300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine, .	$300
L'Esprit de Révolte " . . .	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
E'lisée Reclus, *Amon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne*	$200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . .	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . .	$300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière*	$200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme*	$300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat* . .	$100
» » *La Morale Anarchiste* . . .	$200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage*	$200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale*	$100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics*	$100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien* . .	$100
Les temps Nouveaux, *Contre la Guerre*	$200

Só podemos attender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmão.

Cataguazes, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1 — A.

Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4,

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).
El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.
Viaje al Infierno, por José Nakens.
La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.
Retratos de José Nakens, 1$500 réis.

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E', não uma parodia, que poderia caír no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidares e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:

Um cento.	6$000
Avulso.	200 réis

Os pedidos de folhetos acampanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.